



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA SERRA TALHADA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Renata Feitosa de Lima

**TEMPLO DE MUITOS DEUSES: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA FEMININA AO
COLONIALISMO E PATRIARCADO**

SERRA TALHADA – PE
2019

Renata Feitosa de Lima

**TEMPLO DE MUITOS DEUSES: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA FEMININA
AO COLONIALISMO E PATRIARCADO**

Monografia requerida pelo curso de Licenciatura Plena em Letras – Português/Inglês, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, para obtenção do título de graduação.

*Sob a supervisão do professor Drº Kleyton
Ricardo Wanderley Pereira*

SERRA TALHADA – PE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

L732t Lima, Renata Feitosa de

Templo de muitos deuses: estratégias de sobrevivência feminina
ao colonialismo e patriarcado / Renata Feitosa de Lima. – Serra
Talhada, 2019.

54 f.

Orientador: Kleyton Ricardo Wanderley Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade
Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referências.

1. Pós-colonialismo. 2. Patriarcado. 3. Mulheres. I. Pereira,
Kleyton Ricardo Wanderley, orient. II. Título.

CDD 400

RENATA FEITOSA DE LIMA

**TEMPLO DE MUITOS DEUSES: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA
FEMININA AO COLONIALISMO E PATRIARCADO**

Monografia requerida pelo curso de Licenciatura Plena em Letras – Português/Inglês, apresentada à Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, para obtenção do título de graduação.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira
(Orientador(a) – UFRPE/UAST)

Prof^a. Dr^a. Valquíria Maria Cavalcante de Moura
(Avaliador(a) – UFRPE/UAST)

Prof^o. Dr^o. Rogério Fernandes dos Santos
(Avaliador(a) – UFRPE/UAST)

Dedico a Deus, pela sabedoria, fé e determinação para finalizar este texto e completar essa jornada de conhecimento.

À minha família e amigos, por sempre incentivarem meus estudos, em especial à minha mãe, que em momento nenhum me deixou desistir ou parar minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, a Deus que me guiou por toda essa jornada, foi meu ponto de paz e sabedoria, colo que me zelou e me deu forças para continuar.

Agradeço às grandes mulheres da minha vida. Minha mãe, com sua determinação e foco de sempre dar aos seus filhos tudo que lhe faltou e por nos ensinar que só pela educação poderemos crescer. Às minhas avós, Maria do Carmo e Maria Antônia, pelo brilho no olhar, a delicadeza em seus gestos, mesmo sendo mulheres tão fortes e guerreiras. Aos meus irmãos Rafael Feitosa e Maisa Feitosa. Ao meu pai, mesmo com seu jeito distante e na dele, me ensina diariamente as coisas certas da vida.

Me sinto privilegiada por ter feito parte de uma turma cheia de amor e carinho. Mesmo com as desistências no meio do caminho, as poucas que ficaram, fizeram ser nosso grupo uma grande família. Emanoela e sua determinação que sempre me inspira e quando caio ela me ergue. Simone, com sua voz maternal de quem você sabe que se precisar ela lhe dará colo. Rejane e seu sorriso doce que acalma e alegra a todos. Aiane e seu perfeccionismo. Juliana e suas ideias diferentes de todas, sempre do contra. Auricélia que me ensinou a olhar para vida do outro com mais amor e respeito, não importa quem seja. As Vanessas, mesmo mais distantes, podemos aprender muito com elas.

Meu muito obrigada a Bárbara, que mesmo não podendo nos acompanhar, esteve sempre presente no meu coração, a falta sentida no meu lado nas voltas de ônibus para casa, nas conversas engraçadas e muitas vezes sem sentido que me fazia a pessoa mais feliz do mundo. Uma grande amiga, parceira e um ser humano lindo em todos os sentidos.

Um agradecimento especial à Maria Beatriz, parceira e companheira de vida que me ensina diariamente a me conhecer mais, amar mais, viver mais intensamente e feliz, priorizando o que me faz bem. Manteve, não sei como, minha sanidade nesses últimos meses, sendo uma das minhas maiores torcidas, amiga e aconselhadora. Não me deixou desistir, tentou como pode me ajudar e no fim, fica apenas a certeza que estou do lado da pessoa certa, e é em seus braços o local onde posso abaixar a cabeça e dizer: é aqui meu canto.

Aos meus colegas fora da turma: Auxiliadora (Cyl) pela personalidade única; Bruno Huann que esteve comigo durante o ensino médio e continuamos nossa amizade até hoje, banhada em risos altos e corações cheios de amor – muito obrigada pela ajuda com o resumo e abstract, sem você não teria sido possível a tempo; a turma de fonética e fonologia (turma 2017.2), pelo carinho com que me trataram nas aulas de monitoria.

Aos integrantes dos grupos de Literatura e Mulher, e do GEPLÉ, do GETEGRA, e de tantos outros que me fizeram crescer.

Às professoras Dorothy Britto, Renata Lívia, Socorro Almeida, Valquíria Moura, Bruna Lopes, Larissa Pinto, Thaís Ludmila, pelos concelhos e amor que nos deram fora e dentro da sala de aula. Aos professores Adeilson Pinheiro, Marcelo Sibaldo, Jean Paul, João Paulo, Kleyton Pereira, Cléber, e tantos outros que nos guiaram como grandes mestres que são.

Agradeço as orientações do professor Kleyton, que sem ele esse trabalho não teria sido nem mesmo escrito.

Meus sinceros agradecimentos a todas essas pessoas por todo apoio e cuidado durante esses anos.

***“E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez;
em meio de dores darás à luz filhos;
o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.”
(Gênesis, cap. 3, vers. 16)***

RESUMO

Este trabalho é um estudo que analisa, a partir das vivências das protagonistas na obra *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane (2008), a visão de três gerações de mulheres que estiveram: antes da colonização (Serafina), durante (Delfina) e depois (Maria das Dores). Para tanto, consideramos, principalmente, estudos de BONNICI (2012) sobre a teoria pós-colonial, ADEDEJI (2007) para falar sobre feminismos e questões de gênero, DUARTE (2013) com trabalho sobre estratégias de sobrevivência a partir da dissimulação, são alguns dos autores discutidos. Essas três mulheres são avó-mãe-filha, que no decorrer do romance contam um pouco de suas histórias. Serafina relembra em muitas passagens os ritos praticados pelo seu povo, a beleza da paisagem, a língua, a cultura que é sua, tentando manter um elo com suas origens e manter-se como sujeito pela continuidade de suas tradições e costumes. A voz mais marcante no romance do período de colonização em Zambézia, é a de Delfina, filha de Serafina, uma mulher muito erotizada pelos homens. Delfina a todo momento exige do marido – do branco e do preto – que a cubra ainda mais de joias, joias que na mente dela parecem a embranquecê-la. Vendida pela mãe, estuprada pelo homem que se diz ser seu marido e perdida em alucinações, Maria das Dores, sofre como fruto da colonização e das escolhas da mãe. A sobrevivência, tanto ao colonialismo quanto ao patriarcado, são os motivos em sua maioria, das ações dessas personagens.

Palavras-chave: Estudos pós-coloniais; mulher; sobrevivência.

ABSTRACT

This search is a study that analyzes, from the experiences of the protagonists in the book *O Alegre Canto da Perdiz*, by Paulina Chiziane (2008), the vision of three generations of women who were: before colonization (Serafina), during (Delfina) and after (Maria das Dores). Thereunto, we consider, mainly, studies of BONNICI (2012) on postcolonial theory, ADEDEJI (2007) to talk about feminisms and issues of gender, and DUARTE (2013) with work on survival strategies from the dissimulation, that are some of the authors discussed. These three women are grandmother-mother-daughter, who in the course of the novel tell a little of their stories. Serafina recalls in many passages the rites practiced by her people, the beauty of the landscape, the language, the culture that is her, trying to keep a link with your origins to remain as subject by the continuity of its traditions and customs. The most striking voice in the novel of the colonization period in Zambezia is the Delfina's voice, the daughter of Serafina, a woman very eroticized by men. Delfina, all the times, demands from her husband - white and black - to cover her even more with jewels, because in her mind that jewels seem to make her a white woman. Sold by her mother, raped by the man who said to be her husband and lost in hallucinations, Maria das Dores suffers as a result of colonization and mother's choices. The survival, in the colonialism and patriarchy, are the motives for the most part of the actions of these characters.

Key-Words: postcolonial studies; woman; survival.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE COLONIALISMO, LITERATURA PÓS-COLONIAL E MULHER.....	13
1.1 COLONIALISMO E TEORIA PÓS-COLONIAL.....	14
1.2 POSIÇÃO DA MULHER NEGRA AFRICANA NO PROCESSO COLONIAL E OUTRAS CONSIDERAÇÕES.....	17
CAPÍTULO II CONHECENDO UM POUCO DE MOÇAMBIQUE E DE PAULINA CHIZIANE.....	25
2.1 MOÇAMBIQUE, A “ILHA DO AMOR”.....	26
2.2 PAULINA CHIZIANE E SUAS VOZES.....	27
CAPÍTULO III ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE O ALEGRE CANTO DA PERDIZ.....	31
3.1 SERAFINA.....	32
3.2 DELFINA.....	36
3.3 MARIA DAS DORES.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

No mundo onde o homem manda os filhos são de um só. A família tem peso de chumbo, tecido por laços do mesmo sangue. Mas é um reino de lágrimas e de sofrimento. Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis à paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder as mulheres. (CHIZIANE. 2008, p. 282).

Os estudos voltados a analisar literaturas antes marginalizadas, cresce no mundo, não mais apenas com o olhar eurocêntrico, masculino, branco, mas com visão de quem entende questões como feminismo, racismo, intolerância religiosa, questões de gênero e sexualidade, enfim temas que antes não preocupava quem analisava os textos, pois de nada serviam para enaltecer a classe dominante. Nos propomos aqui, a analisar três protagonistas de uma das obras de Paulina Chiziane (2008), considerando as mudanças de gerações – avó, mãe, filha – relacionando com o processo de colonização que ocorreu em Moçambique.

Utilizamos teorias sobre colonialismo, pós-colonialismo, feminismo, feminismo negro, patriarcado, tradições e tudo que isso possa implicar na vida da mulher negra africana, aqui considerando o contexto de países lusófonos, as pressões e opressões sofridas por elas. Intencionalidade por trás de conceitos de casamento, maternidade, também serão abordados. Pela presença da espiritualidade, seja com os feitiços ou os questionamentos a respeito de Deus na obra, também teceremos comentários.

Paulina Chiziane, escritora Moçambicana, abarca em suas obras temas muito sensíveis as mulheres e a forma com que elas são tratadas, questionando tradições que apenas beneficiam os homens e excluem as mulheres de qualquer tipo de autonomia e independência, como é o caso de *O Alegre Canto da Perdiz*. O que se primazia nesse trabalho são as mudanças que o colonialismo desenvolve nessas mulheres da obra, como isso interferiu nas tomadas de decisões, falas e posicionamentos presentes durante todo o romance.

As literaturas de autoria feminina negra africana ainda encontram muitos embargos para publicação e divulgação das mesmas, mas nos últimos anos, com ajuda das tecnologias, o conhecimento delas e o desejo de um gama de leitores em conhecê-las aumentou consideravelmente, além do crescente número de novos pesquisadores

dedicados a analisá-las. Porém, questões institucionais e governamentais que desconsidera a mulher como um ser humano que deve ter direito à liberdade, ao estudo e até mesmo andar nas ruas em segurança, são infelizmente, realidades de muitos países. A literatura se torna então, não só um lugar de arte, mas de denúncia, luta e resistência.

Nos embasamos por diversos autores para realização desse trabalho, como Bonnici (2012), Adedeji (2007), Matta (2007), Afonso (2004), Duarte (2013), entre outros. Teóricos sobre colonialismo, pós-colonialismo, teoria literária, feminismo e feminismo das mulheres negras africanas, questões sobre gênero e estratégias de sobrevivência femininas são temáticas da fundamentação teórica utilizada. As discussões aqui presentes não têm o intuito de fim em si mesmas, mas representam apenas uma análise inicial considerando a complexidade da obra, seus vários elementos e o muito que ainda poderá ser abordado.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, fora a introdução e considerações finais apresentadas.

No primeiro capítulo, intitulado **Noções preliminares sobre colonialismo, literatura pós-colonial e mulher**, trata de discussões a respeito de questões teóricas, tanto de maneira geral, discorrendo sobre literatura colonial e pós-colonialista – fundamentado, majoritariamente, por estudos de Bonnici (2012) (subtópico 1.1) quanto depois, sendo mais específico, discutindo sobre pontos referentes a posição da mulher nesse processo – casamento, maternidade, relações amorosas, usos de seus corpos e o peso e imposições dos costumes e tradições, são também comentados (subtópico 1.2).

O capítulo seguinte, se apresenta como um texto de conhecimento para o leitor acerca do país que se passa o romance e da apresentação da escritora da obra, Paulina Chiziane. Está nomeado como **Conhecendo um pouco de moçambique e de Paulina Chiziane**, e dividido em dois subtópicos para discorrer sobre o país e a escritora.

O capítulo três, **Análise das protagonistas do romance O Alegre Canto da Perdiz**, é o momento de análise desse trabalho. Nos debruçamos em estudar as personagens Serafina, Delfina e Maria das Dores. Para mantermos o olhar para as personagens mais bem desenvolvido e estudar suas características e atitudes dentro do romance de maneira a considerar suas particularidades, dividimos em subtópicos, buscando em cada fim de análise relacionar com o subtópico seguinte. A primeira a ser analisada é Serafina, por ser a voz antes do processo colonial, mãe de Delfina e conhecedora das tradições de seus povos. Delfina é a próxima, nascida no meio do processo de colonialismo em Moçambique, evocando discursos da classe dominante. E

por fim Maria das Dores, como uma síntese das vivências de sua mãe e de sua avó como causa de seus infortúnios.

Concluimos com as **Considerações finais**, que buscou unir as análises das três mulheres, bem como a relação com as teorias aqui usadas, fazendo um comentário geral de todo o trabalho.

CAPÍTULO I

NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE COLONIALISMO, LITERATURA PÓS-COLONIAL E MULHER

“Colonizar é mesmo isto. Desviar o curso do rio. Matar de sede os peixes, as algas e os corais. [...] Colonizar é fechar todas as portas e deixar apenas uma.” (Chiziane, 2018, p. 118)

Falar de colonialismo e do processo de colonização, implica o entendimento das relações de poder entre uma classe dominante e uma classe que é constantemente posta a margem e subalternizada. Não sendo apenas um domínio sobre o corpo do outro, mas com tudo que o constitui, sua cultura, língua, crenças e visão sobre si mesmo. Duplamente colonizada pelo gênero e cor, a mulher em África é uma figura que sofre e aprende diariamente maneiras de sobrevivência, do seu corpo e espírito. A literatura com suas diferentes facetas, se mostra como uma ferramenta que vem sendo usada para dar voz a esses povos antes silenciados contarem suas próprias histórias. Juntamente a literatura, a crítica de obras pós-coloniais vem crescendo nas últimas décadas, levando ao surgimento de vários novos conceitos e olhares sobre essas mulheres e o próprio texto literário.

Com escritas sobre a posição da mulher na sociedade, suas obrigações segundo a tradição, seus direitos e formas de se portar, de amar, de viver e sentir, seus conflitos, de maneira a nos fazer refletir e questionar esses pontos, mas não só eles, autoras, escritoras, poetisas, contadoras de histórias vêm ganhando cada vez mais espaços e voz no meio literário e cultural, ainda pequeno e inicial, mas em crescimento. Deixando de ser objeto observado, a mulher passa a ser o sujeito. Desde a ascensão dos movimentos feministas no século XIX, inicialmente com pautas mais voltadas para a vivência da mulher branca europeia, até hoje em que se fala de feminismos, os conceitos de gênero, do que é feminino ou não, a natureza biológica e social da construção da mulher e também do homem vem sendo debatidos.

Para melhor compressão, este capítulo se encontra dividido em subtópicos, o primeiro referente a conceitos da teoria pós-colonial e o colonialismo, o segundo sobre a posição da mulher nesse processo (aqui nos debruçaremos para a mulher negra em África). Sabemos pois da densidade dos conteúdos aqui descritos, não sendo esse um

trabalho ambicioso de querer abarcar tudo, mas apenas algumas considerações necessárias para realização da nossa análise.

1.1 COLONIALISMO E TEORIA PÓS-COLONIAL

Matámos o corpo do outro sem perceber que a nossa alma também morria. (CHIZIANE, 2018, p. 239).

A grande era de exploração e crescimento dos países europeus durante os séculos XV e XVI, em detrimento principalmente da expansão marítima, fez esses povos acreditarem ainda mais em sua superioridade. Se considerando civilizados, uma geração a frente, numa “cortina de fumaça” que, no período colonial, queriam se mostrar como salvadores daqueles povos selvagens e sem cultura, se espalharam pelo mundo destruindo povos, aniquilando crenças, desmatando a flora como se fosse uma fonte infindável, tudo em nome de riqueza e poder.

Importante pontuar aqui que esse processo não foi pacífico, os povos lutaram e se defendem até hoje dos frutos dessa época. Um dos campos de revolta e reconstrução de identidade, encontra-se nos textos literários. Considerando em três momentos de aparição: um, escritos pelos colonizadores sobre os colonizados; dois, textos dos colonizados utilizando a língua da metrópole, como que se fosse um “presente”; e três, se apropriando e ab-rogando desse poder sobre eles, textos com fins de questionamentos e de posição no mundo (BONNICI, 2012).

Obras ressaltando a natureza, a beleza das florestas, das águas, com um olhar de quem caça algo para se manter, assim pode ser visto alguns textos desse primeiro momento. Não há problemas, revoltas e dificuldades, apenas “admiração” aquela terra, escrito por pessoas advindas da metrópole. No segundo momento, as pessoas que conseguiam ensino, aqui foca-se em Portugal, em Coimbra, por exemplo, ou mesmo tinham aulas do português em seu próprio país, se sentiam agraciadas em poderem escrever em uma língua de poder, de ascensão. Nesses textos pouco se falava de questões complexas ou problemáticas, quase que obras vazias de alma.

No último ponto, e que também é para onde mais a teoria pós-colonial tende, são os textos em que a língua da metrópole é utilizada, mas não mais como uma cópia do que queria os colonizadores, mas sim do que o sujeito subalternizado precisava falar. Nesse momento conceitos de apropriação e ab-rogação aparecem para explicar o uso dessa língua pelos sujeitos em questão. Ab-rogação pode ser entendida como a não aceitação da estética, dos parâmetros e normas da língua como viam os colonizadores, é o momento de, a partir da língua do outro, construir nela o que é seu. Já com a apropriação, seguindo essa recusa das características primeiras da língua, o sujeito se apropria dela para nela dar voz. São suas vivências, modos e trejeitos que tornam aquela língua, antes dos dominantes, agora sua.

A língua, que pode ser visto inicialmente apenas como uma maneira de falar, carrega em sua constituição, ideologias, valores e crenças. Quando essa classe dominante passou a exigir sua língua para os povos colonizados, não foi por mera praticidade de comunicação, mas para impor ao outro ainda mais a sua cultura. No instante em que a população antes colonizada se apropria daquela língua, ocorre uma espécie de “descolonização do idioma”. O peso posto para que fosse aquilo mais um mecanismo de opressão, muda e se torna mais uma ferramenta de resistência.

Já foi citado aqui algumas vezes o termo teoria pós-colonial e se faz necessário compreender um pouco a que se refere a literatura pós-colonialista e a relação entre esse conceito e a construção do cânone (eurocêntrico, masculino e branco). Dizer “literatura pós-colonial” parece restringir o conteúdo desses textos a assuntos sobre o colonialismo, ao estado de serem agora independentes. Bonnici (2012) discute essa problemática do pós-colonialismo e de seu conteúdo e traz um conceito a partir de Asshcroft, Griffiths e Tiffin (1991),

Embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo ‘pós-colonialismo’, Asshcroft, Griffiths e Tiffin (1991) **o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje.** Muitas vezes esse termo é ignorado ou não entendido como é descrito acima, porque certos grupos que saíram do colonialismo têm como preocupação primária o nacionalismo cultural e econômico e não querem sacrificar a especificidade de suas preocupações ao termo geral ‘pós-colonialismo’ (SOUZA, 1986; ADAM; TIFFIN, 1991). (BONNICI, 2012, P. 19, *grifo nosso*)

A produção literária do povo colonizado estará influenciada por esse processo, mas as maneiras como se constroem são diversas. As literaturas após a colonização no Brasil,

em Moçambique, em Angola, por exemplo, tem suas convergências, mas não são iguais, cada uma guarda em si suas especificidades e maneiras de retratar, em suas formas e conteúdos. Pô-las em uma mesma caixinha de “pós-colonial”, não as esvazia, mas como um coletivo, dão-se as mãos e erguem-se cada vez mais fortes.

Arelado ao conceito de alteridade (*al.te.ri.da.de: sf. Caráter ou qualidade do que é outro. Dicionário Aurélio*) colonizadores, nos ateremos aqui principalmente aos portugueses, como já mencionado, a partir das suas navegações começaram a “descobrir” o mundo e moldar os povos aos seus conceitos do que é certo e errado e do que era melhor para a ascensão da metrópole, desconsiderando o outro como um igual. Com isso, esses povos que foram explorados, com todo apagamento do que eles eram, suas identidades, passam a almejar ser o outro, ter a cor do outro, a língua, os jeitos, as roupas e o poder do outro, isso como uma forma de sobrevivência e como uma das consequências a falta de pertencimento de seu grupo.

Em um processo de reestruturação de identidade, a descolonização do corpo (a primeira, pensando em um aspecto físico), da mente e da cultura, os dois últimos muito mais profundo, acontecem de maneira gradual e lenta. Bonnici (2012), embasado em alguns teóricos, conclui:

[...] os estudos de Jameson, Bhabha e Spivak (BENSON; CONOLLY; 1994) sobre o impacto da ideologia na formação do sujeito colonial, debatem formas pelas quais a subjetificação do colonizado poderá se tornar realidade. Jamais se pode esquecer que a descolonização é o processo oposicionista contra a dominação, “uma verdadeira criação de homens novos [...] não se originando de algum poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo em que se liberta” (FANON, 1990, p. 252). (BONNICI, 2012, p. 31)

Mediante o exposto, a ideia de que com o fim do período colonial o sujeito volta a ser como antes, ou se torna um ser novo sem sequelas dos ocorridos, é falaciosa. A classe dominada se encontrará em constante desconstrução, de tudo em todos aspectos em suas vidas. A escrita de obras que tentem recontar as histórias desses povos, as lendas, os ritos descritos, se torna então uma maneira de não apagamento de seus elementos culturais, bem como a afirmação de sua importância e identidade no mundo, antes considerados como “animais vazios, sem alma, sem passado”.

O nacionalismo então ganha força nesse período. Se entendem como pertencentes a algo, ligados e conectados pelos seus ancestrais, o povo então é um povo e não só um indivíduo.

Com essas obras pós-independência, questionamentos acerca do cânone se dilatam até os nossos dias – o que se pode notar pela crescente gama de trabalhos envoltos na teoria pós-colonial. Por causa dos apagamentos culturais, muitas obras começaram só a serem descobertas e analisadas a pouco tempo, fazendo se refletir a respeito de muitos consensos no meio. Textos antes simplesmente deixados de lado por se tratarem de autoria feminina negra, por exemplo, hoje ganham espaços, mesmo que ainda muito pequeno, para difusão de seus conteúdos.

No que se refere a temática dessas obras e nos frutos da teoria pós-colonial, a releitura e reinterpretação dos textos, modifica-se, pois não é mais apenas a visão eurocêntrica sobre o outro, mas análises que se permitem notar pontos de naturezas diversas, não mais focadas em aspectos de excelência da metrópole, mas até questionamentos de denúncia e reconsideração de posições que hoje podem ser vistas como preconceituosas e arcaicas.

O movimento de nova era literária, onde os meios de divulgação foram facilitados pela tecnologia, trouxe para sociedade atual, talvez o que de mais rico existe no conceito de globalização. A proximidade entre os povos, culturas e literatura, está cada vez mais acentuada. Sabe-se ainda das dificuldades nesse meio literário e editorial, mas plataformas de divulgação de nomes e obras, estão cada vez mais comuns. Principalmente para as mulheres, que muitas se utilizavam de pseudônimos para conseguirem a publicação de suas obras e que constantemente veem as portas de editoras se fechando para elas, hoje podem difundir seus textos e ir moldando a perspectiva sobre o cânone que tanto as excluem.

Dando continuidade a esse trabalho, partimos para o próximo ponto, mas antes precisamos ter em mente que as considerações acima feitas, foram como já esclarecido anteriormente, apenas um fragmento de todo um conteúdo complexo e que muitas vezes encontra divergências entre seus estudiosos.

1.2 POSIÇÃO DA MULHER NEGRA AFRICANA NO PROCESSO COLONIAL E OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Como aqui nos propomos a falar sobre teoria pós-colonial e mulher, aspectos relacionados ao pós-colonialismo e o feminismo se faz necessário. Bonnici (2012) em um de seus capítulos, se debruça a discutir essa relação, que a partir de sua leitura, estão bem próximos. Além dessa relação primeira, pontos a respeito da literatura canônica, hegemonia e patriarcalismo, são citados, como podemos verificar pelo fragmento abaixo.

O conceito seminal de relativização da literatura canônica pode servir como exemplo. À semelhança das conclusões do pós-colonialismo, o feminismo descobre que o valor estético da literatura hegemônica não está no próprio texto e, portanto, não é universal. O valor estético do texto, juntamente com teoria e a crítica literárias, foi construído historicamente e culturalmente sob a égide do patriarcalismo. Consequentemente, o feminismo tende a subverter tais conceitos outrora considerados indiscutíveis e os reduz a fenômenos não-axiomáticos. (BONNICI, 2012: 196).

Para compreendermos o desenrolar desse subtópico, a citação acima nos dá um norte. Falaremos, pois, do feminismo e feminismo negro, a situação da mulher e como a tradição, moldada no patriarcalismo interfere na vida das mulheres conduzindo-as sempre ao matrimônio, maternidade e submissão ao homem, além de apresentar ferramentas de sobrevivência, como o dissimular para sobreviver, e como os textos literários, principalmente escritos por mulheres, discorrem sobre esses temas.

A criação e ascensão dos movimentos feministas, trouxe para sociedade moderna, questionamentos acerca das desigualdades de gênero e as feridas causadas por elas. Conceitos como igualdade são base para compreensão desses movimentos, porém para melhor abraçar as diversidades dos grupos equidade seria um termo mais justo. Por estarem longe das vivências das mulheres negras no continente africano, criou-se lá alguns grupos de feminismo, como “Africana womanism” e “stiwanism”, em que a realidade dessas mulheres possam ter voz. Mas sabe-se que, como apontado por Adedeji (2007) por mais variado que sejam as bases teóricas feministas, todas “[...] sem exceção, pretendem analisar a questão das relações de gênero, dando ênfase à sujeição da mulher pelo homem, além de fornecer soluções aos problemas da mulher dentro da sociedade.” (ADEDEJI, 2007, p. 410). Nesse trabalho também nos guiaremos a tratar sobre essas questões, mas nosso enfoque será nos pontos referentes a cor e raça.

Um exemplo de como feminismo, voltado para questões das mulheres negras africanas, se desenvolve está na experiência de *Sistren* (BONNICI, 2012: 180). Para entendermos melhor, fez-se necessário saber da importância da oralidade e oratura

nesses países. Como se sabe países africanos têm uma proximidade e valorização maior da oralidade, principalmente em sociedades ágrafas. Não são apenas palavras, histórias ou mitos, a oralidade representa a continuidade da tradição, o existir das coisas só ocorrem por meio da palavra (AFONSO, 2004: 206). As mulheres por terem uma tradição maior de contar histórias para seus filhos, fantasiarem mais que os homens, acabaram por se tornarem as maiores contadoras de histórias – pelo menos em suas casas. A experiência de *Sistren*, foi um grupo de mulheres que passou para escrita esses textos que eram apenas realizados na oratura. Pelo domínio das histórias, passaram a utilizar o grupo como ferramenta contra o patriarcado e opressões que sofriam. Vemos como, a partir de um modo tradicional e que relembra seus costumes, a oratura, pode ser usada para melhoria do sistema, denunciando abusos e ao mesmo tempo propagando e enaltecendo o que é de seu povo.

A mulher na visão da nossa sociedade é sempre ligada à delicadeza, beleza, maternidade – “A obsessiva ideia da mulher mãe afasta a mulher estéril da categoria humana.” (CHIZIANE, 2018, p. 29), sexualidade e sua imposta subordinação ao homem, que se utiliza de reforços bíblicos, e até mesmo, biológicos para defender essa condição. O patriarcado coloca nas mãos dos homens o poder e a força de comandar suas famílias, filhos, leis e qualquer segmento que possa servir para manter o seu poder. Um dos mecanismos de controle é privar as mulheres de educação, lugar onde elas poderiam crescer psicologicamente, social e economicamente para se ter conquistada sua independência – o que se explica a falta/escassez de mulheres no cânone, não lhes é permitido nem mesmo estudar. Só em permitir a educação e incentivando as mulheres a se especializarem cada vez mais, já traria para a sociedade grandes mudanças (institucionais, por exemplo). Mas o que se tem é uma tradição que nem mesmo permite, muitas vezes, essas mulheres falarem. Indicando para elas apenas caminhos como o casamento e os cuidados com os filhos.

O processo de colonização em Moçambique não foi muito diferente dos demais países. Em uma visão portuguesa sobre a chegada das tropas na ilha em Os Lusíadas, canto nono, Camões descreve com um lugar rico e belo, chamando-o de Ilha do Amor. Visão dos lusitanos sobre essa terra é o de explorador, de quem já olha pensando o que pode levar dali, já se enxerga dono daquele local. Paulina Chiziane, contadora de história (como gosta de dizer) em Moçambique, no O Alegre Canto da Perdiz (2008), capítulo doze fala sobre a natureza exploratória e nociva do ser humano e não do colonizador, mas do homem em si,

O ser humano é parasita por excelência. Rasga o ventre da mãe e suga-o quando é pequenino. Parasita o bolso do pai quando é menino. Busca o prazer e a transmigração cavalgando outro corpo quando é adulto. Suga os animais e os vegetais para manter o seu sustento. A tirania é uma etapa da soberania. (CHIZIANE, 2018, 136)

O marido-branco de Delfina, um das protagonistas, é português e na narrativa aparece descrito como um homem comum, humano e não, como muito aparece numa imagem alegórica, um torturador perverso. Outra visão trazida por Paulina em sua obra. A autora diferencia também o mundo governado por homens (patriarcado) e pelas mulheres (matriarcado), evidenciando novamente o caráter inflexível, nocivo e controlador masculino, durante toda a obra. As diferenças entre mulheres e homens, a criação dos dois e a luta de gênero, é apresentada no texto, mostrando as “brigas” e “rivalidades”, bem como a posição social entre os sexos desde sempre. A mulher é tida como sábia e detedora do saber, assim como no Velho Testamento, após comer da maçã é punida por querer “se igualar a Deus” e ter também conhecimento do bem e do mal, sendo castigada com as dores do parto e a eterna submissão ao homem. A colonização do homem vem dos outros homens, a colonização da mulher vem dos outros homens e do seu próprio.

A tradição cobra posicionamentos dos sujeitos. O homem sempre forte, provedor da casa, deve manter sua família bem e calada. Como homem, deve se casar, mas não precisa ser com uma só e infidelidade é justificável pela sua natureza selvagem. A mulher, por outro lado, deve se preparar para o casamento desde criança. Pensar na organização da casa, do cuidado com os filhos e com o seu homem. Não pode deixá-lo irritado com besteiras femininas, e se ele quiser ter outras mulheres, não tem problema, mas ela não poderá ter outros homens. Esse discurso privilegia apenas um lado, o outro é julgado e obrigado a suportar até mesmo dores e agressões, tudo em nome da constituição familiar. O casamento é muitas vezes considerado um negócio ou uma obrigação, deixando sentimentos, feições e o amor de lado. Relacionando o casamento com o sistema patriarcal e a tradição:

[...] sabe-se que no lar, ou seja, nas relações amorosas, a mulher se vê excessivamente dominada pelo homem. Concordamos que a origem dos problemas, antes de mais nada, é a tradição e costumes do povo acerca do casamento, o que Ogundipe-Leslie (1994: 33-35) bem expressa, ao denunciar o papel da tradição, em particular, entre outros factores, como raça, homem e mulher, na sujeição da mulher em África. (ADEDEJI, 2007, p. 412)

Os temas de obras de autoria feminina são diversos, mas pensando na escrita de países africanos em língua portuguesa, conteúdos a respeito da condição da mulher, casamento, maternidade e principalmente, sobre a poligamia, são bem recorrentes. As situações que podem ser vistas em muitos países, que entende a poligamia como uma forma comum de relacionamento, é a de não consideração do amor como um sentimento mútuo, mas “necessário” apenas as mulheres, sendo os homens agraciados pelos gozos sexuais de ter muitas esposas.

No romance que será analisado nas páginas a seguir, podemos notar a presença dessa tradição no casamento entre Maria das Dores e Simba, falaremos melhor no capítulo III, mas não se falta exemplos dessa temática em outras obras, até da mesma autora, como é o caso de *Baladas de Amor ao Vento* (1990) e *Niketché, Uma história de poligamia* (2002). Apresentado como uma realidade que cria competições entre as mulheres, o meio poligâmico, leva-nas a irem atrás de feitiçarias para trazerem seu homem de volta.

Dando continuidade as discussões, falaremos da maternidade como um dever, uma fuga e como laço com as origens. Já dissemos acima algumas imposições postas nas mulheres, e ser mãe, em alguns lugares mãe de filhos-homem, é uma delas. Para constituição de família e de heranças, as mulheres têm o dever de dar filhos aos seus maridos. Em algumas tradições, questões sobre o desejo da mulher a respeito de querer ou não engravidar são impensáveis. É biológico, qual mulher não iria querer? O que pode ocorrer algumas vezes é a mulher se sentir presa a essa condição. Questões de direito sobre seu próprio corpo não são respeitadas, e quando algumas se recusam a terem filhos podem ser mortas ou expulsas de casa.

Maternidade como fuga ocorre, como podemos exemplificar na personagem Delfina, e será mais explicado a frente, no momento em que um filho pode melhorar socialmente a vida da mulher, seja porque a criança tem um tom de pele mais claro, porque é filho de um homem rico, dando garantia financeira, ou até mesmo em casamentos poligâmicos onde quem tem mais filhos homens ganha mais atenção do marido e parentes.

O próximo ponto, maternidade como laço com as origens, principalmente em *O Alegre Canto da Perdiz*, por se concentrar em apresentar uma visão da sociedade matriarcal na criação do mundo, há a supervalorização da mulher-mãe, sendo ela vista como começo e fim de tudo. É para a mãe, para o ventre e colo, que José dos montes,

chora para voltar, pois é lugar seguro, fértil e sem tristezas. É “Entre as pernas da mulher, corremos caminhos do mundo.” Dya Kasenbe, escritora angola indicada como epígrafe do romance de Paulina. A maternidade e o amor entre mãe e filha, são assuntos recorrentes na obra. Por mais que se tenha os romances, casamentos e tramas, o que desenvolve o texto é o amor materno e fraterno, entre Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta. Um amor construído aos poucos, uma mãe que diferencia o tratamento pela cor de pele de seus filhos e o que pode ganhar com cada um deles, se desenvolve para final, onde enfim o amor de verdade flora e faz arde em seus seios.

A coisificação da mulher, de seu corpo, visto como um objeto a ser usado, faz com que os cuidados das mulheres com seus corpos se intensivassem e a prostituição torna-se um fim. A sexualização da mulher negra tornou, como chama Duarte (2013) uma estratégia de sobrevivência, o dissimular para sobreviver, embasada em trabalhos como o de Accetto (2001).

Proposta por Torquato Accetto, essa arte, nas palavras do filósofo italiano, não é outra coisa senão “um véu composto de trevas honestas e decoros forçados, de que não se forma o falso, mas se dá algum repouso à verdade, para demonstrá-la a seu tempo...” (ACCETTO, 2001, p. 19) Habilidade de evitar que as coisas sejam vistas como realmente são, como um ato de suspender a verdade, nem sempre oportuna em certas circunstâncias. (DUARTE, 2013, p. 68)

Os sujeitos subalternizados, viam nessa dissimulação, que muitas vezes não era compreendida ou aceita como válida por alguns, por parecer intensificar a caráter de vítima, mas “O silêncio feminino refletia submissão e tática, mas nunca incapacidade de lutar pelo seu direito.” (DUARTE, 2013, p. 75), como mostra muitas obras e história, são mulheres fortes, que lutam e resistem pela sua sobrevivência. Na verdade, essa estratégia tornava a vida desses sujeitos mais humana. Manipulando e fazendo os outros crerem que estavam dominando seus corpos, ganhavam comida, roupas, perfumes, sobreviviam. A personagem Delfina usa dessa estratégia, orientada pela mãe, para melhorar de vida.

Renunciando sua família, suas origens, sua cor e identidade, essa dissimulação não foi um processo simples e indolor.

A necessidade de sobrevivência empurra, impiedosamente, mulheres colonizadas, em situação de carência material, a um poço sem fundo de

humilhações, renúncias e dissimulação. Em determinadas circunstâncias vale quase tudo para ganhar tempo e renegociar. (DUARTE, 2013, p. 69)

Toda a vida desses povos eram regidas para se manter nessa posição de “submissão passiva”, o olhar para o casamento – ascensão social, ganhos e apagamento de suas antigas vidas, a maternidade – vista como maneira de embranquecer a família, prezando ter filhos mestiços, que mesmo não tendo todas as regalias dos brancos, lhes eram garantidos direitos básicos e até mesmo um melhor estilo de vida para as mães negras, a exemplo Maria Jacinta, do romance aqui analisado, a filha mestiça quase branca de Delfina, o próprio amor – que ficava então ligado a questões sociais e financeiras, além de “limpar a raça, embranquecendo”.

A mulher mesmo posta para submissão, dissimulando, manipulando e agindo sorrateiramente, se constrói como uma força da natureza que ninguém consegue controlar. As lutas femininas por mais impedidas de acontecer parecem apenas crescente no mundo. Muito ainda se precisa fazer, enquanto houver mulheres subjugadas, agredidas, forçadas e violadas, não terá tido fim essa luta. As diferenças de gênero e raça, são temas que estão cada dia mais recorrentes na literatura. As mulheres estão, aos poucos conquistando espaços e reeducando nossa sociedade.

Finalizamos aqui este capítulo, que servirá como guia para análise das protagonistas femininas da obra *O Alegre Canto da Perdiz*. Buscou-se com essas considerações demonstrar a importância das teorias pós-coloniais para mudança da visão ainda eurocêntrica das minorias, entender alguns mecanismos de controle do outro, a partir da alteridade, violência e destruição de identidade. Apontar a importância dos estudos focados em analisar as diferenças de gênero, os questionamentos acerca da inquisição pela tradição nas vidas das mulheres, e como os costumes pode privilegiar apenas um lado. Considerar maneiras de dissimulação como estratégias de sobrevivência da classe dominada, que parecem construir “contratos” com os colonizadores, em troca de presentes, alimento e sobrevivência.

Com o fim do colonialismo, muitos acreditaram que não ficaram feridas, nem danos desse processo, mas a independência da mente, a descolonização da cultura, da visão sobre si mesmo, são coisas construídas diariamente, muitas vezes não ajudadas pelo novo sistema de neocolonialismo, por exemplo.

Para melhor compreensão do contexto da obra analisada, partiremos agora para apresentação de alguns pontos acerca da história de Moçambique, e também, em outro

subtópico conhecer um pouco de Paulina Chiziane, considerada a primeira escritora mulher publicada e conhecida de seu país.

CAPÍTULO II

CONHECENDO UM POUCO DE MOÇAMBIQUE E DE PAULINA CHIZIANE

*Se me quiseres conhecer,
estuda com os olhos de bem ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.
Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida.
boca rasgada de feridas de angústia,
mãos enormes espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica.
Altiva e mística.
África da cabeça aos pés
– Ah, essa sou eu!*

*Se quiseres compreender-me
vem debruçar-te sobre minha alma de África,
nos gemidos dos negros no cais
nos batuques frenéticos dos muchopes
na rebeldia dos machanganas
na estranha melancolia se evolvendo...
duma canção nativa, noite dentro...*

*E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
Que eu não sou mais que um búzio de carne
onde a revolta de África congelou*

seu grito inchado de esperança.

(Se me queres conhecer – Noémia de Sousa, poetisa moçambicana)

Rico em suas belezas naturais, na fartura de plantações, e na sua grandeza territorial, Moçambique traz para o mundo vozes da África peculiares e identitárias daquele povo. Invasido algumas vezes por holandeses e por portugueses, carrega até hoje enraizamentos de processos dolorosos de dominação. Suas crenças, seus costumes e vidas foram modificadas. No poema acima, de autoria da poetisa Noémia de Sousa, notamos a luta que esse povo ainda trava, suas feridas, seus silêncios, seus corpos, sua resistência em meio a tantos atropelos.

Nos subtópicos que se seguem, apresentaremos um pouco da história de Moçambique, suas principais escritoras, poetas, e já faremos relação com o próximo subtópico que discorrerá um pouco a respeito de Paulina Chiziane, uma das grandes vozes de seu país.

2.1 MOÇAMBIQUE, A “ILHA DO AMOR”

Localizado no sul da África, já banhado pelo oceano Índico, Moçambique, sua capital Maputo, tem marcantes suas belezas e exuberâncias naturais. Antes da chegada dos portugueses a costa, tinham sido ocupados pelos árabes, nos anos de 750. Esta primeira invasão trouxe para constituição do país ideais pautados no islamismo, que se estendiam das relações sociais as instituições, como o matrimônio. A chegada dos portugueses foi, em algumas cidades, pacífica, convivendo tranquilamente com os árabes, mas em outros locais, pelas discussões, principalmente voltadas a religião e lutas de poder, causou alguns conflitos. Praticaram ali, principalmente, o comércio, comprando ouro, marfim, madeiras e pessoas para trabalhos escravos.

Conquistaram a independência a um tempo relativamente curto, só nos anos de 1975. Guerras civis se espalharam, deixando o país ainda mais pobre, faminto e miserável. As consequências desses processos ainda podem ser vistas em Moçambique.

Iglésias (2007), ao discutir a realidade das mulheres moçambicanas na sociedade atual, aponta, como demonstrado na citação abaixo, a subalternização dos povos, a partir de suas moradas:

A maior parte da população citadina habita os “subúrbios”, conhecidos por zonas de caniço, devido ao material local de que são construídas as casas mais pobres, em oposição à cidade de cimento, dos prédios em betão e das moradias dos mais favorecidos. (IGLÉSIAS, 2007, p. 138)

Esta citação, conversará com o romance de Paulina (2008), quando a personagem Delfina se vislumbra com as casas dos brancos, os prédios e as luzes, tudo muito diferente da realidade dela.

As desigualdades de gênero em Moçambique, fizeram com que projetos fossem criados, para incentivo aos estudos das mulheres, a melhoria de suas vidas, a diminuição do poder masculino sobre suas esposas, agressões que as mulheres sofrem, são pontos desses projetos. O intuito é ter uma sociedade mais justa, igualitária, em que os costumes e tradições não recusem o direito das mulheres de serem independentes. Além de lhes garantirem escolhas para suas vidas, que não seja só envolta do casamento ou maternidade.

Ana Maria Dias (1952-), Clotilde Silva (1925), Lília Momplé (1935), Noémia de Sousa (1926-2002) e Paulina Chiziane (1944), são exemplos de escritoras, romancistas ou poetisas conhecidas do seu país. Mesmo com as dificuldades em volta da educação, essas mulheres lutam e lutaram para terem seus direitos garantidos, para modificar o sistema que apenas as marginalizam. Paulina Chiziane, é uma das mais conhecidas de seu tempo, não finda seus trabalhos apenas com suas obras, mas participa de grupos e projetos, eventos para promoção de discussões acerca da situação feminina no mundo, mas especificamente em África. Passamos pois a conhecê-la um pouco mais.

2.2 PAULINA CHIZIANE E SUAS VOZES

“Existe uma África imaginária dos intelectuais ocidentais, eles pensam e acreditam numa África primitiva. Uma África sem religião e sem história. Acreditam numa África apenas produzida pelo colonialismo europeu.” (Entrevista dada por Paulina Chiziane a Maria Geralda de Miranda, em 2012).

Nascida no ano de 1944, em Manjacaze, na província de Gaza, sul de Moçambique, Paulina Chiziane, é considerada a primeira romancista mulher de seu país. Com obras instigantes e que envolvem o leitor em suas tramas, Chiziane conquista um grande público internacionalmente. Tendo em seus romances personagens femininas fortes, suas estratégias de sobrevivência e seus modos de viverem em uma sociedade patriarcal que diariamente as subordina, a autora questiona as tradições e costumes que machucam e amedronta mulheres. Acabou por se tornar porta-voz de movimentos a favor das pautas femininas em Moçambique, e ganha a cada dia, mais visibilidade e voz no meio literário e acadêmico.

Retratado em muitas de suas obras, a questão a respeito da poligamia e os problemas que essa constituição de família pode gerar, é uma de suas preocupações. Em uma entrevista dada a Maria Geralda de Miranda, Chiziane discorre as raízes desse sistema e os desejos das mulheres de sua terra:

No meu país, as mulheres fizeram um movimento pela aprovação da nova lei da família que não inclui a poligamia e essa lei já foi aprovada. Porém, as igrejas cristãs, desde tempos remotos, é contra a poligamia. As igrejas muçulmanas, que estão a crescer, são a favor da poligamia. A opinião da maioria das mulheres é contrária à poligamia; elas são obrigadas a aceitar. Portanto, a tradição moçambicana e a religião islâmica tornam a poligamia mais forte. (CHIZIANE, 2012; orgs. MIRANDA; SECCO, 2013, p. 352).

O incômodo causado as mulheres, bem como a falta de escolha nessas situações, torna cada vez mais latente os movimentos feminista com temas sobre a poligamia. Em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), o quinto romance da escritora, podemos ver um pouco das relações que se criam em um casamento poligâmico vivenciado por Maria das Dores. A inveja, competição e desdém entre as mulheres, que muitas vezes buscam de feitiçaria

para ter o homem só para elas, demonstram com essa instituição, assim constituída é falha e de benefício unilateral.

Seus romances publicados, são: Balada do Amor ao Vento (1990); Ventos do Apocalipse (1993); O sétimo juramento (2000); Niketche: uma história de poligamia (2002); e o O Alegre Canto da Perdiz (2008). Outras obras, como: As Andorinhas (2009), primeiro livro de contos; Na Mão de Deus (2012); Por quem vibram os tambores do além (2013); e Ngoma Yethu: o curandeiro e o novo testamento (2015), sendo esses três últimos mais voltados a espiritualidade.

Temáticas voltadas a espiritualidade, natureza, mágico, feitiçaria são recorrentes em suas obras.

Nos debruçamos melhor sobre o romance O Alegre Canto da Perdiz (2008), durante um dos momentos da entrevista, Geralda questiona a Paulina a respeito de seu processo de criação das personagens, e a escritora conta de onde surgiu a ideia desse romance:

As minhas personagens são reinventadas; vejamos, a título de exemplo, a personagem Delfina, de O Alegre Canto da Perdiz. Conheci uma mulher que teve dois maridos; o primeiro – tal como ela, era negro –, com quem fez dois filhos; o segundo era branco, com quem fez dois mulatos. Transformou os filhos negros em empregados dos filhos mulatos. A parti desse caso que me chocou profundamente, criei todo o enredo a volta dessa realidade. (CHIZIANE, 2012; orgs. MIRANDA; SECCO, 2013, p. 351).

São estórias baseadas em vivências reais, talvez por isso a proximidade que o leitor desenvolve com suas obras seja tão grande, homens ou mulheres se entrelaçam com as vidas das personagens e torcem para que no final tudo se resolva. O que sempre acontece, já que Chiziane finaliza seus textos com finais felizes, sem “punições” as mulheres pelas suas atitudes, como muito se vê em algumas obras. São estórias “para crianças”, contos que poderiam ser narrados numa roda envolta de uma fogueira. É o perpetuar a tradição, usando da oralidade e oratura, para contar estórias com fins diferentes, com mulheres insubmissas, fortes e que correm atrás de seus “felizes para sempre”.

Tendo conhecido um pouco dessa escritora, suas visões do mundo, seus gritos de gargantas mudas femininas, nos debruçaremos, na continuidade deste trabalho a analisar três de

suas personagens. Escolhidas pelas suas ações muitas vezes vistas como violentas, mas que escondem nos seus íntimos, seus verdadeiros motivos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE O ALEGRE CANTO DA PERDIZ

No mundo onde a mulher manda, os filhos são de José, Abdul, Ndialo, Charles, Lu Xing, Stephany. A família tem peso de vento, é leve e esvoaçada como uma nuvem tecida de sangue de diferentes cores, formas, e texturas. A alegria e a liberdade são filhas do patriarcado, onde se obedece às leis da natureza porque só a mulher conhece o verdadeiro pai dos filhos que tem. Os homens são simples reprodutores, seres menores. (CHIZIANE. 2018, p. 281).

Publicado pela primeira vez no ano de 2008, O Alegre Canto da Perdiz, é, como mencionado no capítulo anterior, o quinto livro da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Conta a história, principalmente, de Delfina e Maria das Dores, sua filha. Nascida durante o processo de colonização, Delfina, a partir de instruções de sua mãe, Serafina, acaba por se tornar o corpo de desejo dos homens, vendo na prostituição maneira de sobrevivência e ascensão social. Suas atitudes, desde dos filhos que tem, seus casamentos e criação de um prostíbulo de virgens, é envolto da premissa de ser rica e embranquecer sua raça, esquecendo o fato de ser uma mulher negra. Durante a narrativa, apela para feitiçaria no intuito de conseguir um marido branco, consegue no primeiro momento, mas tempo depois Soares, o marido-branco, acaba repensando e volta para Lisboa, para sua outra esposa. Vendo sua vida sendo destruída e o dinheiro acabando, procura novamente o feiticeiro Simba. O mesmo pede como pagamento pelo feitiço algo importante e grande, Delfina então oferece sua própria filha, Maria das Dores, como moeda de troca. Simba pega para si Maria das Dores, fazendo-a sua esposa, que para controlá-la a droga e deixa viciada em bebidas alcoólicas. Com ele tem três filhos, que após a fuga perambula pelos lugares atrás deles durante vinte e cinco anos.

O romance inicia-se com Maria das Dores nua no meio do rio Namuli e com todos olhando e a julgando. A narrativa se desenvolve contando quem é ela e de onde veio. A obra perpassa pela vida de sua mãe e decisões que a fizeram parar ali.

Terminando com todos se encontrando e festejando, Chiziane apresenta feridas de um período que ficou enraizado na mente e no corpo do povo. Narra a força das mulheres, seu poder de dissimulação e maneiras de sobrevivência, além de contar

histórias da criação do mundo e da sociedade com base no matriarcado e não no patriarcalismo. Quase como um conto de fadas, são muitos os elementos como “Era uma vez...”, e outras expressões e palavras que podem lembrar um grande conto para crianças, até mesmo no final que todos os personagens se acham e terminam suas vidas em família e felizes.

Romance narrado ora por uma narradora onisciente e onipresente, ora narrado pelos próprios personagens, traz em seus trinta e cinco capítulos histórias em diferentes tempos. Iniciando com Das Dores no Rio Licungo, volta mais de quarenta anos para contar a história de Delfina no capítulo quatro. Durante a obra essas voltas temporais são bem recorrentes, algumas vezes como *flashback* de Maria das Dores que conta sua vida para o médico e o padre da cidade.

O mar, as palmeiras e a natureza são sempre citados no texto como pontos onde os personagens correm para pensarem, se encontrarem consigo mesmo, para acharem respostas para seus conflitos. Muitos são os momentos em que a presença da água é apontada como lugar de refúgio e serve também como metáfora para as decisões dos personagens, que às vezes se deixam levar como o rio que dá volta nas pedras e continua seu caminho.

A análise que se segue tem como referência os olhares e a vida de três personagens femininas: Serafina, Delfina e Maria das Dores. Gerações de mulheres que viram suas vidas serem modificadas pela presença dos portugueses em seu país. Serafina por representar a voz da tradição, dos costumes e do passado antes da chegada dos colonizadores; Delfina pela sua força e estratégias de sobrevivência, tendo ela nascido em meio ao período colonial; e Maria das Dores, que encontra em sua vida o peso das escolhas da mãe que estavam em volta do olhar colonizador de sociedade e de sobrevivência. Partimos pois, para as considerações sobre essas mulheres avó-mãe-filha, separadas nos subtópicos abaixo.

3.1 SERAFINA.

Conhecedora das tradições e dos costumes do seu povo, Serafina¹ é a voz do passado, misturado com as assimilações que o período colonial impôs. Aprendendo como

1 Outra personagem que desenvolve um papel parecido com esse olhar do passado em outro momento do romance é a mulher do régulo, que avista Maria das Dores no rio e dela fala muitas coisas, como uma conhecedora de povos.

sobreviver nesse novo mundo que tenta anular sua cor, crença, tradição e costumes. Ensina a sua filha Delfina a trazer comida para mesa e continuar viva, a partir da prostituição, renunciando na filha qualquer desejo de sonhar. No fragmento abaixo, tem-se um dos momentos que Serafina é confrontada pela filha, que tenta resistir a esse sistema.

Regressou a casa com muita dor no peito. Amargura na boca. Desânimo. Atirou a carteira para o colo da mãe como quem atira um feixe de lenha sobre o chão, para aliviar o cansaço do corpo. Serafina se espanta.

– Estás nervosa, o que se passa?

– Estou cansada, mãe.

– De quê?

Delfina lança um suspiro fundo, que mais parece uma baforada de fumo da lenha fresca no início da combustão. Para oxigenar os pulmões e ganhar leveza na fala.

– Eu nada sou, mãe. Nada do que faço tem sentido. Não pude estudar. Não posso sonhar. E quando faço algo para melhorara vida o mundo inteiro zomba de mim e me trata como uma criminosa. As filhas dos assimilados são tratadas com mais respeito.

– Pensas que não sei o que sofres. Delfina? Ah, se eu pudesse abrir o meu peito e mostrar a ferida que tenho por dentro. Ser negra é doloroso. Negro não tem deus nem pátria. (CHIZIANE, 2018, p. 81)

A dor de ter tido seus filhos levados para escravidão e de nunca poder saber o que aconteceu com eles, nem se um dia voltaria a vê-los, fez depositar todas suas esperanças na única filha que lhe sobrou, sua Delfina. Coloca nela o desejo de sobreviver e de ver netos, mas netos mestiços que lhe trará segurança. Ao dizer a Delfina “– Não sonhes alto que te magoas. Ah, Delfina! Para nós negras, sonhar é proibido.” (CHIZIANE, 2018, p. 82), ensina a sua filha as mazelas de ser mulher e negra nesse mundo, não fala só de sua filha mas dela mesma, que não lhe é permitido nem mesmo sonhar.

A maneira que Serafina se porta e os desejos que tem para filha, são sintomas do processo de colonização. Seu marido em umas passagens discorre o como sua esposa foi “acorrentada” e assimilada por esse processo: “Só pensas no teu dono, não existes. Foram muitos anos de insultos e a mentira se tornou verdade. Agora te renegas, te anulas, tens vergonha e medo de ser negra.” (CHIZIANE, 2018, p. 105), diferentemente dele, que renuncia esse controle dos colonizadores sobre sua mente. Como justificativa da entrega dessa personagem aos anseios da classe dominante, ela aponta que “Eu tenho medo dos brancos. Eles são invencíveis. Dominam o fogo, dominam a água por

emergirem das profundezas do mar. A nossa bruxaria é da terra, não resiste nem ao fogo nem a água. Por isso me rendo, antes que eles me matem.” (CHIZIANE, 2018, p. 107), indicando os motivos pelos quais ela age dessa maneira. Tais posicionamentos conversam com Duarte (2013), nas estratégias de sobrevivência,

Como sói acontecer em outras sociedades, a luta pela sobrevivência entre as comunidades escravizadas na África colonial passa também por uma espécie de negociação com o colonizador, insaciável na luta da posse absoluta da terra e do homem. Nesse contexto, humanos coisificados eram “usados” para serventias várias, incluídos os serviços sexuais. (DUARTE, 2013, p. 68)

Como já mencionado, a maternidade e o casamento são requeridos na vida das mulheres, mas por diversos motivos. Serafina e posteriormente Delfina almejam, para embranquecer a família um casamento ou mesmo um relacionamento com homem branco: “Felizes as mulheres que geram filhos de pele claras porque jamais serão deportados.” (CHIZIANE, 2018, p. 98), Serafina quer para as próximas gerações de sua família a sobrevivência. Seus filhos foram tirados dela, e para que os seus netos também não sejam, procura maneiras de que isso não ocorra. “– Melhora tua raça, minha Delfina!” (CHIZIANE, 2018, p. 91). É um discurso duro e que desconsidera sentimentos como o amor entre um casal. O importante é garantir-se vivo.

No momento em que Delfina aparece em casa dizendo que vai casar-se com José dos montes, sua mãe não compreende o porque e tenta abrir os olhos da filha a respeito dessa decisão. Podemos notar em alguns comentários, que as atitudes dessa mulher são moldadas pelo sistema colonial. Quando encontra José

Dentro do coração de Serafina, a contradição. É assolada por um desejo irresistível de abraçar, afagar e mimar aquele jovem com ternura de mãe. O desejo é derrubado por espíritos adormecidos na tatuagem da memória. Vira-se para José e fala num tom agressivo. (CHIZIANE, 2018, p. 94)

Esse sistema destrói os sentimentos verdadeiros de ternura e amor materno que Serafina possa ter pelo José. Afinal: “Os seres humanos se transformaram com a chegada dos marinheiros. A espada do regime expulsou o amor no coração das mães. (CHIZIANE, 2018, p. 95).

Durante todo o romance a autora conceitua sentimentos e instituições, como o casamento e o amor. Diferencia esses pontos entre mulheres brancas e mulheres negras.

Quando sabe do casamento de sua filha e Delfina fala de amor, casar porque ama o José, Serafina não compreende, pois seus conceitos desse tipo de sentimento não são aplicáveis a vivência dessas mulheres.

– O que é amor para mulher negra, Delfina? Diz-me: o que é amor na nossa terra onde as mulheres se casam por encomenda e na adolescência? Diz-me o que é amor para mulher violada a caminho da fonte por um soldado, um marinheiro ou um condenado? As histórias de paixão são para quem pode sonhar. A mulher negra não brinca com bonecas, mas com bebês de verdade, a partir dos doze anos. A conversa de amor e virgindade são para mulheres brancas e não para as pretas. Por que me falas de amor? A paixão é perigosa, Delfina, não te confies nela. O amor é caprichoso como as marés, vai e vem, esconde-se, aparece, voa. Se queres construir um lar sólido não te filies no amor, porque quando ele se esvai destróis tudo e partes à procura de outro. É por isso que para nós, negras e pobres, o amor e a paixão deviam ser proibidos. (CHIZIANE, 2018, p. 96)

Não podemos julgá-la ou desconsiderar suas visões como uma não proteção ou amor de mãe. Ela estava apenas precavendo sua filha das mazelas que o amor pode causar, que casar-se com um negro não traria bem nenhum, que o amor não colocaria comida na mesa. Há, comparando o posicionamento dessa personagem e seus verdadeiros sentimentos, contradição. De certa forma é como se sua identidade tivesse sido roubada, e morasse dentro dela a mulher que deseja a felicidade da filha e também a mulher que reproduz atitudes desenvolvidas pela construção da colonização ocorrida em sua mente.

Com a chegada de sua primeira neta, que é da cor de barro ou mais escura, como seu pai, diferente do que poderia se imaginar Serafina ama a criança, embala, se orgulha de Delfina por ter conseguido dar a luz a sua neta. Reconhece a chegada de Maria das Dores, e o amor materno brota em seu peito.

Serafina depressa caiu na realidade. Do sonho da miscigenação à pureza de uma raça. Pureza das aparências porque na nova criatura se fundem espíritos dos Chuabo e dos Lómwè, duas etnias inimigas vencidas pela força do amor. Desejos de Serafina alternando-se como o sol que se vai e a noite que vem. Alternadamente. Eternamente. (CHIZIANE, 2018, p. 147)

Representada como a voz da tradição no romance, ela, mesmo sem autorização de Delfina, realiza as tradições que são necessárias numa mulher grávida. Mais ou menos como discorrido por Bonnici (2012) quando se referia a língua, o processo que se tem é

primeiro o de mistura entre as tradições e as novas perspectivas trazidas pelos colonos (Serafina), a recusa total do que pode lembrar suas origens e identidade coletiva (Delfina), e como uma mistura, passando por diversas tribulações, resiste e se realiza como um ser de voz e importância (Maria das Dores). Por mais que a classe dominante subalterniza-se o povo, a força de seus costumes e tradições voltavam e precisavam ser desenvolvidas.

Contra a vontade de Delfina, Serafina fez todas as cerimônias. Acendeu velas, ajoelhou, ofereceu flores, farinha, rapé e aguardente, numa reza sincrética. Invocou os deuses bons e os espíritos bons. Invocou anjos e santos. Deuses da sorte e da fertilidade, deuses da maternidade e dos partos saudáveis. (CHIZIANE, 2018, p. 148)

Serafina reconhece os danos que as tradições podem fazer com as mulheres. Cita situações que o corpo e alma não são consideradas, ensina sua filha como dissimular e sobreviver, mas não temos aqui uma mulher vítima ou que simplesmente se demonstre passiva às situações de dor, mas Serafina luta, resiste e se constrói, mesmo com todas as instâncias se mostrando displicentes com as dores das mulheres. O amor antes não considerado volta a florir em seu seio com o nascimento de uma vida, uma criança, não do jeito que ela queria/precisava de pele clara, mas ainda sim é sua neta e por ela tem amor.

Para fim de conclusão desse tópico, tivemos ao longo dessa análise considerações que buscaram apresentar Serafina sem que julgássemos ou mesmo a enquadrasse numa categoria de mulher sem amor pela sua filha. Suas atitudes por mais problemáticas, eram simplesmente maneiras de manter Delfina viva e longe de toda pobreza e agressões, almejando a ascensão social e sobrevivência. Sob o mesmo ponto de vista daremos continuidade a esse trabalho, que no subtópico seguinte tratará das complexidades e encantos da personagem Delfina.

3.2 DELFINA

“A vida é um permanente risco em busca de oportunidade.”
(CHIZIANE, 2018, p. 27).

Delfina personifica a complexidade de uma mulher negra que chega até as últimas consequências para conseguir o que quer. Tendo seu corpo erotizado desde pequena, foi se enquadrando nos moldes que os olhares masculinos davam para ela, partindo do padre no momento da missa que não parava de olhá-la, e até mesmo as outras beatas que se sentiam incomodadas com aquele corpo sexualizado, um perigo para seus matrimônios. Delfina aprendeu a usar esses olhares objetificadores de seu corpo para ganhar a vida. Parou os estudos e orientada pela mãe ainda na infância, partiu para vida de prostituição. Muito nova já trazia dinheiro e comida para sua família, pagamentos dos favores sexuais que fazia, carregando nas costas o sofrimento de estar “[...] cansada da justiça popular que me acusa e me condena, continuamente.” (CHIZIANE, 2018, p. 40).

Em muitos momentos da obra aparecem diálogos com sua mãe Serafina, onde travam disputas de gerações e de opiniões sobre o que é certo e errado: “Por culpa da minha mãe que me fez preta e me educou a aceitar a tirania como destino dos pobres e a olhar com desprezo a minha própria raça.” (CHIZIANE, 2018, p. 40). Relacionamos esse fragmento as considerações feitas anteriormente acerca da educação dada as mulheres, as imposições dos costumes e tradições, e o peso do processo colonial na vida das mesmas.

Delfina queria fazer a diferença, ser vista como uma rainha, conseguir casar-se com um homem branco e provar para todos que é possível esse tipo de amor, afinal ela tem a cor excêntrica que os brancos gostam. No capítulo quarto do livro, aparece a primeira definição de quem é essa mulher, o que nos ajuda a entender suas atitudes. Culpando sua mãe, seu marido-preto, a natureza, a ganância de querer o melhor para si e finaliza dizendo que a culpa enfim “[...] é do mundo que me ensinou a odiar.” (CHIZIANE, 2018, p. 41).

Quando conheceu José dos montes, ele se enamorou por ela, mas “Aquele tipo de mulher não era de confiar. São as eternas caçadoras de pão no suor dos homens. O suor dos brancos e dos negros assimilados tem sabor a dinheiro, mas o suor do condenado é o meu cheiro. Catinga de preto.” (CHIZIANE, 2018, p. 64). Nunca vista como “uma mulher para casar”, mas uma dissimulada que faria qualquer coisa por dinheiro. De tanto o povo falar e sentir na pele os olhares preconceituosos de objetificação de seu corpo, Delfina aceitou sua condição e se utilizou disso para tentar se dar bem. Mas ao casar-se com José, homem que tinha se apaixonado, sendo pobre e preto, casou-se para acabar com o amor, fazer com que ele morresse com o tempo no seu coração pela rotina e falta de

condições financeiras para manter seus luxos. Não tinha culpa de ter esses pensamentos, afinal quando nasceu o mundo já cobrava isso dela, já era assim.

Lança os olhos para o infinito. A mesma paisagem original, vista a partir da infância. Quando abriu os olhos para vida o mundo já era assim. Um filme sem enredo. Negros a ser castigados. Carga. Descarga. Chicotes. Greves e mortes. Imagens que lhe inspiram melancolia e tristeza. Caminha pelas estradas alcatroadas, com leveza. Apreciava dos casarões coloniais. Apartamentos. Prédios. Hotéis. A vida dos brancos é fantástica. Eles mataram as árvores, mataram os bichos e construíram cidades luminosas. Fascina-os a eletricidade, que torna as noites sempre iluminadas apesar de ofuscar o brilho da lua. A imagem dos casarões antigos projecta um futuro de grandezas na sua mente e ela jura: terei a grandeza das sinhás e das donas, apesar de preta! (CHIZIANE, 2018, p. 76).

Alguns pontos precisam ser destacados desse fragmento: a visão da geração que já nasceu no período colonial, e que por esse motivo a violência com o povo dominado é visto por ela como natural e até mesmo justificável; e a colonização da mente, que a partir da visão dos subalternos para grandeza das coisas dos brancos, num processo de alteridade, faz com que eles queiram assimilar e anular sua própria cultura e identidade, como um grande *show* de ilusionismo, manipulando o povo a considerar a vida do branco muito mais bonita, limpa, rica e distante de toda a pobreza que aquela população vive.

Dando continuidade a respeito da relação entre Delfina e José, mesmo imersa nesse processo colonial que exclui sentimentos e feições como o amor nos relacionamentos, Delfina “[...] sabia que segurava na mão de algo bom,” (CHIZIANE, 2018, p. 93), tinha ao seu lado um homem que a amava e que não era como os outros que a possuía e iam embora. Porém os poderes dados ao homem sobre a mulher pelo casamento, chegam a ser violentos e tiranos e os deveres requeridos a mulher apenas servem de submissão e para manter o controle masculino, até mesmo não o julgando pelo possível adultério, atos violentos e agressividades.

Meu amor! Eu também te amo. Mas se me desobedeces eu esmurro-te. És minha mulher. Sou o teu marido. Todo teu. Mas não deixarei de apreciar a donzela que passa nem de dar um pouco de minha alegria a uma triste viuvinha. Seria tua esposa, tua mãe, tua serva, até que a morte nos separe, com toda a certeza. Na morte deste amor, arranjo outro. Na frieza desta cama irei à caça de fogo. Se encontrar um amor maior, mato-te em nome da liberdade para viver uma nova paixão. A morte vai separar-nos sim, meu amor! (CHIZIANE, 2018, p. 112)

Não se curvando a seu marido Delfina se constrói como uma mulher forte e liberta. Não é uma romântica perdidamente apaixonada pelo marido, mas uma mulher que não exitará de ir em busca do que sonha.

Dessa relação obtiveram frutos, a primeira, Maria das Dores, que já durante a gravidez foi adornada com uma cultura assimilada e da classe dominante, a começar pelo nome, de sofredora e de mulher branca. Delfina não sabia amar aquela criança, era negra, tinha a cor retinta de seu pai, com os traços bonitos da mãe, que sabia Delfina serviria para tentar prender um homem branco, como tentou ela mesma.

Queria e precisava seguir os conselhos da mãe Serafina de embranquecer a família, precisava de filhos mestiços para garantir sua sobrevivência. Traiu José e deu a luz a uma criança, uma menina, Maria Jacinta, tão branca que não fazia crer ser filha de Delfina. José não suportou a ideia de ter sido traído, até porque fez de tudo para dar a Delfina o luxo que ela almejava, se tornando até mesmo um assimilado². Mas como diria o pai de Delfina “Viver em dois mundos é o mesmo que viver em dois corpos, não se pode. Tu és negra, jamais serás branca.” (CHIZIANE, 2018, p. 156), por mais cremes que usasse, roupas caras que comprasse, filhos mestiços que tivesse, ainda seria negra.

Mesmo renunciando tudo que advinha de seu povo, utilizou-se de feitiçaria para conseguir ter seu marido-branco, ainda que com advertência do feiticeiro Simba: “Com o tempo apodrece, Delfina! E tudo fica pior que antes” (CHIZIANE, 2018, p. 221). Tendo conseguido, construiu em sua casa as segregações raciais existente na sociedade. Tratava diferente os filhos, os de pele clara não faziam atividades domésticas, estavam sempre bem-arrumados, tinham as melhores roupas, o melhor prato, comiam direito e eram até tratados com mais amor pela mãe. Eles eram sua garantia de luxos e distanciamento da pobreza e prostituição de que tinha saído.

Como advertiu Simba, as coisas pioraram. Soares, o marido-branco, voltou para Lisboa, de encontro com sua primeira esposa, deixando Delfina apenas com a casa e para os seus filhos deixou um bom dinheiro para sobreviverem. Então ela decide novamente procurar o feiticeiro, mas dessa vez não tinha com que pagar, oferece-o sua filha Maria das Dores como pagamento. Num misto de sentimentos, Delfina se encontra

2 Homens que tornavam-se uma espécie de jagunço, indo a caça de negros fugitivos para entregá-los aos mercadores de escravizados. Desempenhavam outros serviços como açoitar, matar, ir em confrontos com pessoas que se rebelavam. Para se tornar um assimilado, passavam por uma cerimônia que eles precisavam jurar esquecer todas suas crenças, identidade e aceitar todas as ordens dos comendantes, sem questionar.

animada por saber do sucesso do feitiço, mas preocupada e angustiada por usar sua filha.

Do outro lado Delfina treme, encharcada de medo e suor. Ela ouve tudo. O grito da filha. Os gemidos do homem. O grunhido de uma bestialidade saciada. A princípio sorriu, pensando na dívida saldada. Maria das Dores era um bicho caçado, era pasto, sangrando no cativeiro. Mas também se entristece. Aquela filha já era mulher. Uma mulher que veio dela. Herdeira de seus genes, dos seus destinos e dos seus amores endiabrados. Que aguardava o fim da tortura naquele acto de sexo iniciação, sexo vingança, sexo negócio. (CHIZIANE, 2018, p. 264)

Pensando que após o pagamento sairia dali com sua filha, Delfina foi surpreendida com os dizeres de Simba de que ficaria com Das Dores, a faria sua esposa. A culpa por ter feito isso com Maria percorreu durante toda vida de Delfina. Ela não conseguiu ascensão financeira que tinha pedido para Simba, e seus outros filhos, principalmente Jacinta, a julgavam por ter feito isso com Das Dores. Criando um prostíbulo de virgens, viveu durante anos numa realidade regada a vícios, drogas e exploração de seu corpo.

Como exposto em considerações feitas no início desse trabalho, a dissimulação como estratégia de sobrevivência é utilizada por Delfina. Desde muito cedo aprendeu como agradar um homem, como se deitar com ele e a maneira mais rápida de conseguir alimentos, dinheiro e presentes que queria. Por mais que pareça ser uma mulher sem escrúpulos e sem amor pelos filhos, durante toda a obra suas ações são voltadas a melhoria de sua vida e ao bem-estar dos filhos. Como diz a narradora no romance:

Tem razão, a Delfina. O colonialismo incubou e cresceu vigorosamente. Invadiu os espaços mais secretos e corrói todos os alicerces. Já não precisa de chicote nem da espada, e hoje se veste de cruz e silêncio. Impregnou-se na pele e nos cabelos das mulheres, assíduas procuradoras da clareza epidérmica, na imitação de uma raça. (CHIZIANE, 2018, p. 346)

Quase que inconscientemente, vai se apagando e construindo uma identidade nova, mais branca. A recusa de suas tradições, a colonização de sua mente e corpo, são naturalizadas por ela que nasceu durante esse processo. Movimento esse que se desenvolve nos corpos desses povos dominados, chegando a um ponto em que violências físicas não são mais necessárias para a submissão e o controle, como bem pontua Bonnici (2012).

O parágrafo abaixo, acerca de quem é Delfina, sua força, luta, resistência e sabedoria, depois de ter encontrado enfim Maria das Dores, ter reunido sua família e se conciliado com José dos montes, apresenta um pouco de quem realmente é essa mulher. Descrita aqui como um fenômeno da natureza, impossível de se comandar totalmente, rebela-se contra a tradição que a diminui, muda costumes de seu povo, provando que é capaz de fazer muito mais do que imaginam, sobrevive mesmo com tantos atropelos e abandonos. Termina com um final feliz e junto de sua família, seus filhos negros e brancos, e com seu marido, que tanto amou.

Sou a Delfina. Mulher amada e odiada. Eu voei, tal como o vento que não tem asas mas voa. Naveguei o oceano da vida com um só pé. Como um peixe. Peixe mulher. Sereia do mar. Fui tudo: pura e profana. Serena. Louca. Prostituta e santa. Maga, feiticeira. Verdade e mito. Deusa e demônio. Canibal. Fiz do meu lar uma frente de combate com vítimas, vitórias, aliados, inimigos, mortos, feridos traumatizados. Como os bombardeiros, destruí o meu ninho em pleno voo mas superei em liberdade todas as mulheres do mundo. Eram meus os montes no horizonte e as asas das andorinhas no alto dos céus. (CHIZIANE, 2018, p. 336)

As características dessa mulher, transitam entre extremos, como em “Deusa e demônio”, mas mesmo com todas as dificuldades, arrependimentos e culpas, Delfina conseguiu, por fim um desfecho feliz. Conseguiu o que nenhuma outra mulher da obra pode. Ficou entre os dois mundos. Conheceu sabores e sentiu em suas entranhas a dor de ser forte e fazer o que é necessário nesse mundo para que as mulheres/mães sobrevivam. Por tanto, vimos aqui a complexidade dessa mulher e suas relações conturbadas com Serafina, sua mãe e Maria das Dores, sua filha. Como último ponto de análise, nos debruçaremos no subtópico abaixo a analisar a perspectiva de Maria das Dores nesse processo, suas dores, sua liberdade, seus gritos e sua vida regada por decisões conflituosas e agressivas dessa sociedade.

3.3 MARIA DAS DORES

“Nas curvas da mulher nua, mensagens de desespero.”
(CHIZIANE, 2018, p. 8).

As marcas deixadas pelo processo de colonização, bem como sua continuidade por meio do neocolonialismo, se concretizam diariamente no nosso discurso, regras, olhares, maneiras de ver o mundo. Maria das Dores, mulher negra nascida de uma personagem tão emblemática como Delfina, tem até mesmo no seu nome o enraizamento de um movimento doloroso e nocivo. Das Dores é uma voz coletiva, de muitas Marias, de muitas mulheres que veem suas vidas sendo conduzidas para um abismo de violências e agressões, legitimadas por uma tradição que apaga a concepção de mulher com um sujeito independente e também por uma visão colonialista sobre seu corpo.

Assim como demonstrado nas análises acima, Serafina conduziu sua filha para uma vida de uso do seu corpo e das ferramentas que uma mulher pode ter para sobreviver nesse mundo. Delfina, mesmo desgostando e tentando mudar, acaba por fazer o mesmo com Maria das Dores. Veie-se aqui a virgindade e inocência arrancadas em prol de um desejo econômico de ascender – e de sobrevivência. Feita de moeda de troca, seu corpo é esvaziado de alma e de querer. Os olhares do povo, homens e mulheres, para o corpo dela nu nas águas do Rio Licungo, os comentários feitos, principalmente pelas mulheres, demonstram como o pudor em volta do corpo, o mau preságio que representa aquela imagem diz muito da falta de empatia e como, até mesmo entre as mulheres a voz do patriarcado é evocada e o uso do mítico em suas tradições é utilizada para explicar os motivos que levaram aquela mulher a desafiar tantas normas: “A nudez que elas viam não é a minha, é a delas. [...] Gritam sobre mim a sua própria desgraça e me chamam louca. Mas loucas são elas, prisioneiras cobertas de mil peças de roupa como cascas de uma cebola.” (CHIZIANE, 2018, p. 13). Nessa citação, temos a voz de Maria das Dores, liberta das amarras que prende as outras mulheres, ela aponta-as como “cegas” para todos os mecanismos que as esconde, menospreza e subalternizam seus próprios corpos.

Desde cedo foi tratada como sendo inferior pela própria mãe, que diferenciava o seu cuidado e carinho considerando a cor de seus filhos, quanto mais claros – filhos do pai-branco Soares, mais bem tratados eram. Havia ali a lógica da colonização representada em sua própria casa. Das Dores ficava com todos os trabalhos domésticos, comia depois de todos, tinha até as piores roupas. Como podemos ver nesse excerto: “Queres que eu respeite os pretos, Soares? O pai deles, esse pescador, sipaio, plantador de coco, o que é que já lhes deu? Eles deviam agradecer a mim, Delfina, pela sorte de lhes ter dado um padraço branco.” (CHIZIANE, 2018, p. 238). A fala de Delfina é banhada por concepções do discurso dominante e colonizador que diminui o sujeito e quando o

“trata bem” acredita que deve ser agradecido pelos “bons cuidados”. Cresce em Maria, um sentimento e característica de uma pessoa resiliente que aceita sua própria sorte, sem quase nunca questioná-la. Desde pequena: “Os olhos de Dores [...] tímidos, furtivos, de quem se abriga na ausência. Herdou o gênio de quem será pisado ou se deixará pisar por todos os outros. (CHIZIANE, 2018, p. 261).

Diferentemente do descaso materno, Maria das Dores encontra na figura de seu pai-preto José dos Montes, o amor e cuidado que almejava: “Eu era a princesa do meu pai negro [...]” (CHIZIANE, 2018, p. 239). Em todos os momentos de dor, solidão, desamparo, chamava por seu pai, para que ele voltasse e a salvasse. A ligação entre eles tem uma natureza forte quase como a relação entre uma mãe e filho apresentado na obra. O útero da mãe e o começo e o fim do percurso de seu filho. Mas para Maria das Dores, os braços do pai são o princípio e o fim. Até mesmo quando foi violentada pelo feiticeiro Simba, as únicas coisas que conseguia gritar eram dirigidas ao seu pai, ainda que sua mãe estivesse no cômodo ao lado: “ – Pai, meu pai! – grita novamente em gemidos de morte.” (CHIZIANE, 2018, p. 264).

Delfina se culpa, gostaria de ter dado a filha o amor que merecia. Suas decisões causaram em Das Dores feridas que dificilmente se sarariam:

Eu te gerei com muito amor, Maria das Dores. Mas quando nasceste, a vida me impôs regras contrárias ao jogo da maternidade. O mundo nos desumanizou e nos desuniu. E me fez esquecer que foi deste ventre que te pari. (CHIZIANE, 2018, p. 308).

O mundo exigiu isso de Delfina. Suas atitudes foram sempre para sobrevivência, não importava como seria o viver, mas estar viva. A maternidade ganha outro conceito, outro fundamento. É uma nova vida, o futuro, mas a concretização de sonhos de mudanças de sua classe, de sua cor, de sua função no mundo. Era o discurso dominante de apagar quaisquer que fossem as características do povo colonizado.

Na fuga de seu casamento acaba por ir em encontro de seu pai, perto das montanhas para onde ele um dia disse ir caminhar: “Para onde vou eu? Vou à busca do meu pai, no sagrado solo dos montes. E se eu morrer nesta busca, será apenas uma nova morte sobre as tantas que já sofri.” (CHIZIANE, 2018, p. 288). O elo familiar presente no romance supera as más decisões, as culpas e consequências de vidas que se deixaram ser guiadas pelo sistema, como única saída de sobrevivência.

As pressões mais agressivas na vida de Das Dores pela tradição, pode ser apontada no fato de que mesmo sendo mantida drogada e presa com as outras esposas do Simba, a população não buscava intervir e ajudá-las, afinal eram casados e cabia ao homem decidir o que fazer com sua família. A sina daquelas mulheres já tinha sido traçada, deveriam apenas serem agradecidas por terem conseguido um casamento, ainda que poligâmico como se era de costume principalmente antes da chegada dos portugueses ao local, costume esse que ainda se mantém em muitos lugares.

Ao descrever a cerimônia de seu matrimônio, se entristece com a falta de festa, de família e de todos os adornos que uma noiva poderia imaginar para seu casamento:

Sou a esposa do Simba, canonicamente casada, numa cerimônia sem festa nem bolo. Casei com um vestido feito com pano de lençol branco, comprado no mercado, foi feito por um costureiro de rua, daqueles que se sentam nas varandas das lojas. Nem vieste, minha mãe. Nem houve convidados. A cerimônia foi breve, despachada, foi só entrar na igreja, assinar os papéis e sair pouco depois. O Simba estava feliz, guardou a certidão no bolso, foi deixar-me em casa e saiu. Tratou de extrair uma certidão de insanidade mental por consumo de estupefacientes que ele próprio me administrava. (CHIZIANE, 2018, p. 286).

Reportado muito mais como sendo uma grande celebração de morte. Estava sendo selado ali, com a pobreza das vestimentas, com a solidão e falta de seus parentes, a não realização de comemorações e apenas o homem, o noivo Simba feliz, a assinatura de uma carta que atestaria sua condição subalterna e violenta como legítima. Não se poderia fazer mais nada. A parte final da citação acima, a respeito da certidão de insanidade ainda é um dos mecanismos de controle masculino sobre suas esposas. A chamam de louca, incapaz de tomar qualquer decisão, totalmente dependente desse homem que aparenta só querer ajudar.

Em sua casa a situação degradante que se encontrava, a sujeira do local, as agressões e violências eram comuns e naturalizadas pela personagem, que via tudo aquilo como deveres como esposa: “O Simba sai de manhã e me amarra, vem ao anoitecer e me desata. E traz-me a comida pela mão. Neste lar polígamo até as crianças me lançam insultos e sorriem quando me querem morder.” (CHIZIANE, 2018, p. 286). Para mantê-la controlada e submissão, administrava drogas, viciando-a, deixando ela ainda mais dependente dela:

Ensinara-lhe a beber. A fumar um pouco de soruma para relaxar, cuja dose aumentava gradualmente. Ela foi esquecendo, pouco a pouco, as coisas antigas. A achar normal aquela pobreza. A conviver com aquela falta de limpeza. A suportar o homem de quem era cada vez mais dependente, por causa do álcool e da droga que consumia. Quando por alguma razão ela lhe desobedecia, ele aplicava-lhe apenas um castigo: retirava o estupefaciente e matava-a de ansiedade. (CHIZIANE, 2018, p. 283).

O dinheiro deixado pelo seu pai-branco, foi um dos motivos do casamento. Simba viu a oportunidade de ganhar dinheiro fácil, apenas casando com aquela menina e lhe tirando quaisquer direitos sobre sua herança. Pensa então fugir dessa situação, levar seus filhos para um lugar melhor (com o Simba teve três crianças: Rosinha, Benedito e Fernando), ir encontrar seu pai. No meio do caminho a ansiedade causada pela falta das drogas e a confusão de ideias, acaba por perder seus filhos, deixando Maria das Dores envolta numa loucura que a conecta fortemente com a natureza, o mar, a terra. Numa jornada que duraria vinte e cinco anos de procura pelos filhos e pelo pai, perambula por toda a Zambézia.

Antes de se perder, Das Dores se assusta com pensamentos a respeito de sua vida e do que está fazendo:

Enquanto subia, os remorsos e o medo incomodavam-lhe a consciência. Sentia a vergonha de não ter tido força de suportar um lar, de não ter sido capaz de aceitar o seu destino, acabando por arrastar os filhos para caminhos de consequências imprevisíveis. Condenava-se pelo egoísmo de ter afastado as crianças de seus laços de família. (CHIZIANE, 2018, p. 289).

Os deveres das mulheres no casamento, a responsabilidade de aceitar a viver num lar, mesmo que com agressões e violências, recai sobre Maria que se culpa de sair de casa, de tirar seus filhos daquele local que bem ou não é onde o pai delas está. O peso do matrimônio às mulheres é tamanho que mesmo que seja para seu próprio bem, para sua sobrevivência, desfazer um casamento ou recusar a manter-se casada são coisas que não poderia passar pela cabeça das mulheres segundo as tradições.

Durante sua vida, Maria sempre se mostrou cuidadosa e com um amor quase maternal pelos irmãos. Cuidava de Maria Jacinta como filha, a protegendo de sua mão, arrumando seus cabelos, preparando ela para escola e sempre desejando o bem para seus irmãos. Quando se torna mãe, dos filhos que tem com Simba, suas escolhas e a força para sair daquela casa são voltadas para retirar suas crianças daquele lugar sujo.

Anda por anos atrás deles quando os perde, chora e se emociona quando vê uma criança brincando ou com sua mãe. Maria das Dores, com suas atitudes acaba por melhorar a vida dos filhos, que quando os perde são deixados para cuidados das freias, se tornando os meninos padre e médico na vila. A dissimulação para sobrevivência dessa mulher se realizou mais em recusar a si mesmo a sua memória, seu passado, os rostos que lhe fizeram mal.

O fim da obra se realiza com o encontro entre todos que pode ocorrer depois que José dos Montes reconhece sua filha e vê em seus olhos e marcas o fruto de seu amor com Delfina:

- Minha primogênita, minha dor, minha afirmação de homem!
- Ah?
- Sou o teu pai.
- Meu pai? José dos Montes?
- Sim. Eu. Que te gerei por amor. De ti ouvi pela primeira vez a palavra papá e me senti mais homem. Eu te abandonei com dor, refugie-me aqui e fingi-me mudo para abafar a reprodução da minha tragédia.
- Ah, meu pai! (CHIZIANE, 2018, p. 320).

A paternidade aparece como crescimento masculino. José personifica o homem pai, carinhoso, acolhedor e que reconhece seu papel na vida de seus filhos. Das Dores enfim se realiza, fecha o ciclo de vozes mudas em busca de seu pai, do desespero de estar só em um mundo que vira as costas para suas dores. Encontra seus filhos, sua mãe, pai e Simba, que após a fuga de Maria enlouqueceu e passou a caminhar por todos os cantos por ela. Ao contrário que poderia se esperar eles ficaram juntos, se acharam em meio as feridas e ações brutas de um casamento forjado e inicialmente sem amor. No fim, Simba se tornara o seu homem, e não o feiticeiro que desejava Delfina.

Maria das Dores se encanta. Nunca esperou ver um homem a chorar por ela, completamente perdido de amor. Descobre que Simba não tem nenhuma semelhança com o seu pai e nem é o homem de sua mãe. Era dela e era belo. Sensível. Romântico. Aprende a apreciar aquela imagem esguia, com o falar fino dos poetas, de barba grisalha e os cabelos coroados pelas cãs da vida. Lamenta o tempo que perdeu a temer um homem que afinal era seu. (CHIZIANE, 2018, p. 342).

Mediante o exposto nesta análise, Maria das Dores em suas atitudes e escolhas, procura sempre o bem de quem ama recusando até mesmo a sua felicidade pela sobrevivência dos seus. No fim da obra, capítulo trinta e quatro, a narradora apresenta a

voz dos principais personagens para dizerem quem são e as dores de toda essa jornada. A voz de Maria, está citada abaixo.

Sou a Maria das Dores, a caminhante. Plantei na Zambézia inteira a marca do meu pé. As vibrações do solo, do mar, das palmeiras, expulsaram-me da terra e gravitei sem rumo até encontrar refúgio no mundo da lua. Vivi entre a lucidez e a obscuridade. No meu percurso conheci outros sóis e outras galáxias. Sou a bela adormecida e hibernei vinte e cinco anos. Invejo a sorte das árvores que nunca saem do lugar e nem se separam dos filhos. (CHIZIANE, 2018, p. 335).

A relação com a natureza, a forma como se define usando os elementos de sua terra a torna parte dela. As dores causadas pelo processo de colonização em Moçambique, que arranca seus frutos, mancha de sangue suas areias, finca no próprio corpo dos habitantes as feridas que esse sistema lá realizou.

Após todas essas considerações presentes nesse capítulo, juntamente aos pontos levantados nos tópicos anteriores, discorreremos a relação entre essas três gerações de mulheres, a maternidade, o casamento e interferência da tradição e costumes nas relações humanas, bem como as ações influenciadas pelo colonialismo e seus ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Na vida nada é princípio, nada é fim. Tudo é continuidade.”
(CHIZIANE, 2018, p. 23)*

Muitos são aos países que foram invadidos por outros povos durante toda história mundial. Diferentes tipos de colonização se realizaram, algumas “mais brandas” outras nem tanto. A chegada dos portugueses a costa de Moçambique trouxe para o país, amarras e mordanças que ainda persistem no inconsciente do povo. Durante o processo em si a violência das ações, a retirada de pessoas para trabalho escravo, agressões físicas e sexuais a homens e mulheres, moldou a sociedade da época a viverem diariamente a procura de ascensão econômica e social. Fez crescer no imaginário das mães o desejo/necessidade de ter filhos mestiços, com tom de pele o mais claro possível para assim garantir a sobrevivência.

Paulina Chiziane, trata em suas obras a respeito principalmente das questões femininas, suas dores, martírios e conflitos. Em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), não é diferente. Tendo como plano de fundo o processo de colonização de seu país, desenvolve a trama a partir das atitudes das personagens femininas da obra, que são levadas a terem ações muitas vezes nocivas, tudo para garantir suas existências. Além do peso do colonialismo, na obra são tratados temas que versam sobre a cultura, tradição e as diferenças entre o patriarcado e matriarcado. Questiona, usando das vozes dos personagens, muitos pontos da tradição que subalternizam as mulheres, as deixando muitas vezes envoltas de situações degradantes e desumanas, tudo em nome da continuidade do sistema patriarcal e do controle masculino.

As personagens aqui analisadas, nos repassam suas vivências e maneiras de ver o mundo tentando sobreviver em uma sociedade que as deixam numa posição de dupla colonização, buscando através de seus corpos a sobrevivência.

Nas características da personagem Serafina, encontramos vozes do passado, das tradições e costumes. Durante a obra, seu discurso se volta fundamentalmente para o casamento e maternidade, mesmo que tenha a necessidade de um matrimônio com um

homem rico e branco para sua filha, Serafina ainda quer conseguir praticar todos seus rituais nas cerimônias. Suas dores e mudanças que a torna muitas vezes agressiva, parece ser mais uma voz de outro, um discurso dominante implantado na sua mente, que mesmo ela tentando driblar, viver sua vida, essas pressões acabam por fazê-la reproduzir vozes violentas de separação de classes, raça e gênero. Mãe possível, considerando sua condição, vê em Delfina, sua única filha que não foi morta nem retirada para escravidão, a esperança de dias melhores, de um futuro em que ela não precise se preocupar se seus netos estarão vivos ou não no dia seguinte.

Sem conhecer outra realidade que a que estava vivendo, Delfina cresce tendo sua existência já regada por discursos dominantes de subalternidade, objetificação de seu corpo, sabendo seu valor para sociedade, e guiada pela mãe é induzida apenas um caminho possível para sua sobrevivência. Questiona as correntes que põem em seu pescoço, discute com sua mãe, busca ir para um lado diferente, porém deixa-se levar pelo sistema já estabelecido. Fala com soberba quando se está em posição elevada, refere-se ao seu povo como sendo “o outro”, não se sentindo pertencente a ele, mas melhor que seus semelhantes. Almeja riquezas, joias, marido branco, energia e as grandes luzes que as casas dos brancos têm. Dissimula em toda sua vida, se constrói submissa para na falsa passividade conseguir o que quer. O amor nas relações é esquecido, feridas deixadas no seu corpo por todos os homens infeccionam e fazem sangrar seu peito. Bebe para esquecer sua condição, se sujeita a degradação e falta escrúpulos para se manter viva e resistindo. Delfina, complexa e perdida, volta a se encontrar com seu verdadeiro ser, seu amor de mãe, seus sentimentos que sempre foram recusados, com o encontro dela e Maria das Dores.

Recusa sua raça, pele, tradições de seu povo, costumes, nos nomes dos filhos coloca nomes de brancos, para já iniciar dali o apagamento de seu ser.

Maria das Dores, carrega no nome o destino de sua vida. Pelas más escolhas de sua mãe, acabou por se encontrar em situações degradantes e violentas. Viu sua vida desmoronar no dia que sua mãe lhe vendeu para o feiticeiro, deixando para trás seus irmãos que os cuidava como filhos. Reclamava a mãe quando Delfina brigava com Maria Jacinta, tentava protegê-la. Tinha o coração doce, que clamava apenas pela volta do seu pai-preto, mas tinha tatuado em seu ser as mazelas que uma sociedade pós-colonial e patriarcal pode escrever nos corpos das mulheres.

A matéria-prima que mais se usou durante a colonização foram os corpos, de homens e mulheres, em diferentes maneiras. A morte para muitos era fuga, tirar das mãos dos escravocratas o poder em suas vidas. Indo num sentido oposto, a sobrevivência, era conquistada com as dissimulações, a “aceitação” do domínio do outro sobre seus corpos. A vida era o que importava, se manter vivo era fundamental. As três personagens aqui analisadas, de maneiras distintas, mas sempre dando continuidade ao processo, sobreviveram. Suas escolhas deixaram feridas nas relações construídas e como uma árvore, deu frutos da semente que foi plantada. A semente do outro, do olhar de fora, de caráter exploratório e agressivo.

Como mencionado anteriormente, Paulina em suas obras dá aos seus personagens finais felizes, reencontros, reconexão. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, já traz no título a final tão esperado, é alegre. Um grande conto de fadas. Não mata suas protagonistas, não as pune com silenciamento, não as coloca na margem, mas lhes dá um fim feliz. Uma continuidade de suas raízes.

As teorias pós-colônias, feministas, que estudam sujeitos antes objetificados, trazem para nossa sociedade uma outra visão, outra leitura de um mesmo momento que já fora escrito uma vez, mas apenas por um lado. Muito ainda será estudado. Escritoras serão descobertas, as entranhas do continente africano está a cada dia mais sendo expandido, conhecido, apresentado ao mundo não com o olhar colonizador de selvagens sem cultura, mas de sujeitos plurais, com seus costumes, culturas, resistências e lutas diárias para manter viva sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEDEJI, Ebenezer. **“A problemática do amor e casamento na literatura africana”**. Orgs.: MATTA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Editora Colibri. Lisboa, Novembro de 2007. P.: 409 – 420.

AFONSO, Maria Fernanda. **O Conto Moçambicano: escritas pós-coloniais**. Editorial Caminho, SA, Lisboa – 2004.

BONNICI, Thomas. **O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura**. 2ª edição. Maringá: Eduem, 2012.

CHIZIANE, Paulina. **O Alegre Canto da Perdiz**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

DE SOUSA, Noémia. **Se me quiseres conhecer**. In: notícias, 07.03.1958, página “Moçambique 58”.

DUARTE, Francisca Zuleide. **Dissimular para sobreviver: estratégias de resistência**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. P.: 67 – 78.

FERREIRA, Antonio Manoel. **Paulina Chiziane: a poesia da prosa**. Orgs: MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T, orgs. Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. P.: 85 – 96.

IGLÉSIAS, Olga. **“Na entrada do novo milênio em África: que perspectivas para a Mulher Moçambicana?”**. Orgs.: MATTA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Editora Colibri. Lisboa, Novembro de 2007. P.: 135 – 154.

KHAN, Sheila. **Pedir licença na terra que é nossa. A miséria da colonialidade em O Alegre Canto da Perdiz**. Orgs.: MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T. Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. P.: 203 – 216.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. **Pelas sendas do feminino: mulheres representadas nas literaturas africanas de língua portuguesa**. Programa de pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande – PB. 2017.

MATTA, Inocência. **“Mulheres de África no espaço da escrita: a inscrição da mulher na sua diferença”**. Orgs.: MATTA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente. Editora Colibri. Lisboa, Novembro de 2007. P.: 421 – 440.

MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T, orgs. **Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

MIRANDA, Maria Geralda de. **Questão de Gênero e Inclusão social em Paulina Chiziane**. Orgs.: MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T. Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. P.: 193 – 202.

MIRANDA, Maria Geralda de; LANGA, Fátima. **À Paulina Chiziane**. Orgs.: MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T. Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. P.: 349 – 356.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Corpo e Terra em O Alegre Canto da Perdiz**. Orgs.: MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T. Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. P.: 229 – 248.

XAVIER, Lola Geraldês. **Era uma vez...Moçambique no feminino**. Org.: MIRANDA, M. G.; SECCO, C. L. T. Paulina Chiziane Vozes e Rostos Femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. P.: 177 – 192.